This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

**Usage guidelines**

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

**About Google Book Search**

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

**Diretrizes de uso**

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

**Sobre a Pesquisa de Livros do Google**

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

678
.R48
C35

BUHR A

a39015 01815253 1b

PROPERTY OF

The University of Michigan Libraries

1817

ARTES SCIENTIA VERITAS

# O GENERAL

# CARLOS RIBEIRO

(RECORDAÇÕES DA MOCIDADE)

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

PORTO
LIVRARIA CIVILISAÇÃO
DE
EDUARDO DA COSTA SANTOS — EDITOR

MDCCCLXXXIV

LIVRARIA ACADÊMICA
*J. Guedes da Silva*
R. Mártires da Liberdade, 10
Telefone 25988 — PORTO
LIVROS USADOS
COMPRA E VENDE

# O GENERAL CARLOS RIBEIRO

*A propriedade da primeira edição d'este livro pertence, no imperio do Brazil, aos srs. Faro & Lino, proprietarios da Livraria Contemporanea, moradores na rua do Ouvidor n.º 74 —Rio de Janeiro.*

# O GENERAL

# CARLOS RIBEIRO

(RECORDAÇÕES DA MOCIDADE)

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

PORTO
LIVRARIA CIVILISAÇÃO
DE
EDUARDO DA COSTA SANTOS — EDITOR

MDCCCLXXXIV

L-3-347451

# AO VISCONDE DE BENALCANFOR

*Meu querido Ricardo Guimarães.*

*Recebe a dedicatoria d'este folheto como um cartão de despedida. Vou-me embora.*

*Naturalmente, escreverás dez linhas sinceras da minha necrologia. Dize que fui teu amigo trinta e seis annos; e que, á medida que eu ia lendo as tuas prosas progressivas e remoçadas, nunca pude imaginar que tivesses envelhecido.*

*Folgo de te não vêr ha muito tempo. Imagino que te deixo rapaz engrinaldando os festoens das tuas primaveras de ha trinta e seis annos para os offereceres aos nossos 50:000 leitores—um rico auditorio! Continúa tu a ministrar-lhes os teus cabazes de flóres, visto que, por impedimentos especiaes de regimen e outros estorvos complicados de engrenagens financeiras, não pódes deitar-lhes perolas.*

*Adeus, Ricardo. A Chimica subterranea espera a minha alma. Vou mineralisar-me. Levo apenas, como saudade, uma flecha de luz reflexa do nosso passado, que me não deixa ir contente ao meu destino de azote, amoniaco e outros gazes.*

*É a nostalgia dos teus e dos meus folhetins de 1854. A proscripta ignominia do carroção do Porto — aquelle toiro de Phalaris, puxado a vaccas — que então esbatemos para a treva medieval, em outro paiz dar-nos-ia a celebridade immorredoura de Guesto Ansur, o salvador authentico das cem donzellas lusitanas tributadas ás prezas obscenas do khalifa. Tambem nós, visconde, salvamos centenas de donzellas portuenses das orgias do execravel defuncto «Manoel José d'Oliveira» — aquelle Mauregato coiraçado, com espaduas alcatroadas, musculatura de um lenho rijo e inflexo como os braços da força, e articulações de cobre azinhavrado, onde eram contundidas as carnes virginaes. Se não fomos nós, quem foi que reuniu das contusões e d'aquelle fôro ignobil as meninas portuenses, actualmente alliadas e intactas, salvo seja, nas suas quadras e nas suas espaduas? Pois teus acaso noticia de que o Oliveira Martins, no seu livro sociologico das «Raças humanas e civilisação primitiva», nos encadeasse*

*nos elos do transformismo evolutivo do carroção em carro Ripert? Sabes que elle consagrasse um capitulo áquelle dolmen de castanho — a ara celta do sanguinario Irminsulf dos nossos ferocissimos avós? Nem uma palavra! «Isto faz vontade de morrer!» como disse Alexandre Herculano, muito menos offendido dos ingratos.*

*Emfim, Ricardo, esta carta, sobre ser uma confirmação, quasi posthuma, de fidelidade no affecto a um dos meus mais velhos amigos, deve ser-te não menos agradavel como exemplo consolador de que as vidas mortificadas tem uma compensação — e acabarem com um sorriso. N'este paiz, os bastardos da Fortuna prostituda, se fizeram exame de instrucção primaria, devem morrer com a serenidade de sabios. D'antes, havia a immortalidade da alma e as recompensas eternas como esteio a infelizes sub-lunares. Hoje em dia, aquelles dogmas, especie de* caput mortuum, *não amparam muita gente; mas ha coisa melhor: e a escola primaria que levanta o dis-*

*cipulo ao nivel da felicidade do professor a tres tostões por dia com dez mezes de atraso. Depois, morre-se de uma anazarca de philosophia com uma ligeira complicação de fome. Assim se explica o grande furor da instrucção nacional que tu, com uma seriedade estranha aos nossos habitos, inspeccionas observantissimamente.*

*Vai, fiscalisa, evangelisa. Dilata, quanto em ti couber, as celullas conscientes dos hemispherios cerebraes do Alemtejo e Algarve. Dá-lhes um elasterio grande, expansivo, na razão inversa das retracções da mucosa do estomago, á qual não chega a tua alçada tonica. Lembra eruditamente aos pedagogos que ninguem se exalça ás glorias do Thabor sem ser arrastado pela Rua da Amargura. Dize-lhes, a final, que a posteridade, mediante as suas confrarias e os seus dobres a finados, lhes dará brindes de missas geraes em dia de Fieis Defunctos — muito distinctos dos defunctos infieis. E, pelo que me diz respeito, recommenda-me tambem aos suffra-*

*gios pios da Patria—esta querida mãe interessante, incapaz de tirar de difficuldades um filho vivo; mas, depois, tira-lhe a alma do purgatorio, sendo preciso.*

*T. C.—S. Miguel de Seide. 6 de dezembro de 1883.*

*C. Castello Branco.*

DT
515
.R48
U35

AO VISCONDE DE BENALCANFOR

*Meu querido Ricardo Guimarães.*

*Recebe a dedicatoria d'este folheto como um cartão de despedida. Vou-me embora.*

*Naturalmente, escreverás dez linhas sinceras da minha necrologia. Dize que fui teu amigo trinta e seis annos; e que, á medida que eu ia lendo as tuas prosas progressivas e remoçadas, nunca pude imaginar que tivesses envelhecido.*

*Folgo de te não vêr ha muito tempo. Imagino que te deixo rapaz engrinaldando os festoens das tuas primaveras de ha trinta e seis annos para os offereceres aos nossos 50:000 leitores — um rico auditorio! Continúa tu a ministrar-lhes os teus cabazes de flôres, visto que, por impedimentos especiaes de regimen e outros estorvos complicados de engrenagens financeiras, não pódes deitar-lhes perolas.*

*Adeus, Ricardo. A Chimica subterranea espera a minha alma. Vou mineralisar-me. Levo apenas, como saudade, uma flecha de luz reflexa do nosso passado, que me não deixa ir contente ao meu destino de azote, amoniaco e outros gazes.*

*É a nostalgia dos teus e dos meus folhetins de 1854. A proscripta ignominia do carroção do Porto — aquelle toiro de Phalaris, puxado a vaccas — que então esbatemos para a treva medieval, em outro paiz dar-nos-ia a celebridade immorredoura de Guesto Ansur, o salvador authentico das cem donzellas lusitanas tributadas ás prezas obscenas do khalifa. Tambem nós, visconde, salvamos centenas de donzellas portuenses das orgias do execravel defuncto «Manoel José d'Oliveira» — aquelle Mauregato coiraçado, com espaduas alcatroadas, musculatura de um lenho rijo e inflexo como os braços da forca, e articulaçoens de cobre azinhavrado, onde eram contundidas as carnes virginaes. Se não fomos nós, quem foi que remiu das contusões e d'aquelle fôro ignobil as meninas portuenses, actualmente allodiaes e intactas, salvo seja, nos seus quadris e nas suas espaduas? Pois tens acaso noticia de que o Oliveira Martins, no seu livro sociologico das «Raças humanas e civilisação primitiva», nos encadeasse*

*nos elos do transformismo evolutivo do carroção em carro Ripert? Sabes que elle consagrasse um capitulo áquelle dolmen de castanho — a ara celta do sanguinario Irminsulf dos nossos ferocissimos avós? Nem uma palavra! «Isto faz vontade de morrer!» como disse Alexandre Herculano, muito menos offendido dos ingratos.*

*Emfim, Ricardo, esta carta, sobre ser uma confirmação, quasi posthuma, de fidelidade no affecto a um dos meus mais velhos amigos, deve ser-te não menos agradavel como exemplo consolador de que as vidas mortificadas tem uma compensação — é acabarem com um sorriso. N'este paiz, os bastardos da Fortuna prostituta, se fizeram exame de instrucção primaria, devem morrer com a serenidade de sabios. D'antes, havia a immortalidade da alma e as recompensas eternas como esteio a infelizes sub-lunares. Hoje em dia, aquelles dogmas, especie de* caput mortuum, *não amparam muita gente; mas ha coisa melhor: é a eschola primaria que levanta o dis-*

DP
615
.R48
U35

6-3-349451

AO VISCONDE DE BENALCANFOR

achára o segundo em Cantal, o qual foi chamado *Anthropopithecus Ramesii.* O de Portugal, descoberto por Carlos Ribeiro, recebeu o glorioso nome *Anthropopithecus Ribeiroii.* (1)

Uma observação caturra ao sabio Mortillet: Este genitivo alatinado e ligeiramente macarronico, *Ribeiroii,* parece pertencer tambem á época terciaria, á prehistorica da lingua de Plinio, o moço. *Ribeiroii* em genitivo indica o nominativo *Ribeiroius.* O extremado anthropologista devêra ter escripto *Anthropopithecus Riberii,* ou, mais euphonico, *Ribeirensis.* Espero e ouso pedir aos futuros congressistas que adoptem esta errata, afim de que o nome glorioso do nosso concidadão não vá latinamente deturpado pelas edades fóra.

Posto isto, a leitora naturalmente deseja saber que figura tinha o *Anthropopithecus.* Os

(1) Bibliothèque des sciences contemporaines. *Le prehistorique antiquité d'l'homme,* par Gabriel de Mortillet. Paris, 1883, pag. 105.

sabios não satisfazem cabalmente a curiosidade de sua excellencia. Calculam apenas que elle era muito mais pequeno que o homem, attendendo á pequenez das pedras que lascava para seu uso; mas, a respeito do animal portuguez, a julgar pelo tamanho dos silex, presume-se que elle anatomicamente fosse mais encorpado que os outros. Isto é concludentissimo e consolativo, minhas senhoras. Mr. Abel Hovelacque, outro sabio, presume que aquelle nosso pai pequeno seria do tamanho dos actuaes macacos maiores. (1) Na verdade, os srs. bispo de Coimbra, conselheiro Nazareth e varios tambores-mores accentuam e affirmam a procedencia d'aquelle patriarcha mais avantajado no tamanho.

Bastará de sciencia? Mas o que não posso, minha senhora, é esquival-a ao desaire de proceder de macaco. Não lhe assevero que seja de chimpanzé, de gorilha, de orango.

(1) Obra citada, pag. 106.

A minha esvelta leitora é o typo aperfeiçoado de todas estas familias. Segundo o genealogico Hœckel, vossa excellencia promana de um pitheco, derivado de um lemur, producto de um kanguru. É a primeira vertebrada, e não direi primeira «mammifera» para evitar equivocos. Em todo caso, exquisita arvore de geração, na verdade; mas, se a minha delicadeza se dóe, sciencia obriga; porque, emfim, este folheto é uma obra de vulgarisação, *à la portée des gens du monde.* Pertendo ser mais util que agradavel ás senhoras modernamente orientadas, as quaes, entre os flagicios acusticos dos seus pianos e o moinho estupidamente burguez das suas maquinas de costura, abrem um parenthesis á discreta biologia.

E tenham muita fé, minhas senhoras; *porque as sciencias de observação,* diz Letourneau na *Biologia* mais avançada, *exigem primeiramente de quem as quer cultivar um acto de fé.* Acto de fé! Tambem a sciencia positiva reclama a sua *virtude theologal.* Pelos modos,

é precisa tanta fé para acreditar no Jehovah de Moisés e no Messias de S. João Evangelista, como no «Pantheismo» de Espinosa, na «Vontade» de Schopenhauer, e no «Inconsciente» de Von Hartmann. Por tanto, façam suas excellencias um acto de fé como biologas, e outro acto de caridade como catholicas, prestando-me a sua benevola attenção.

*

Carlos Ribeiro não andou toda a vida, como Boucher de Perthes, a esgaravatar nas camadas do globo a certidão de idade do homem. Tambem elle borboleteou á flôr da terra, com as azas polvilhadas dos matizes da alegria juvenil, os seus devaneios.

Entre os 15 e 16 annos, fingia eu que estudava chimica na Polytechnica do Porto. Carlos Ribeiro, n'aquelle anno, 1844, já tenente, com 30 annos de idade, completava

mathematicas com sinceridade e aproveitamento. Era de estatura mediana, refeito, de espaduas fortes, rosto redondo, purpurino, com um pequeno bigode cortado na commissura dos labios muito nacarinos. Grave nas fallas, muito delicado em conselhos e attençoens com os cabulas; e sympathisava com a minha modesta ignorancia que elle, confessando a actividade funccional do meu cerebro, ingenuamente attribuia a eu não possuir compendio de chimica,—uma coisa bastante necessaria a quem se matricula. Era o *Lassaigne*—parece-me ser este o nome do sabio naturalista, que alguns condiscipulos generosos me emprestavam á porta da Academia, quando se avistava o lente, um ex-frade, Santa Clara, contemporaneo de Orfila, Berzelius e Liebig. Por que mãos sagradas andava então a chimica portugueza!

Aproveito a occasião para agradecer aos que ainda vivem, se algum vive, a gentileza do seu emprestimo, para que eu, em honra

do frade, sahisse crystallinamente e triumphantemente do meu acto de chimica sem a macula de um R.

Já divulguei em um livro este caso á Europa culta.

*

Agora, vou contar outro caso mais trovadorêsco — um episodio da vida amorosa do defuncto anthropologista, o general Carlos Ribeiro.

Por aquelle tempo, uma senhora esmeradamente educada no gosto da época, e com uma grande distincção de formosura, abandonára em Lisboa o esposo, e refugiára-se no Porto com um seductor de condição baixa e bens de fortuna parallelos. Este casal anticanonico habitava uma casinhola barata na

rua da Sovella, paredes-meias do quarto escolastico de Carlos Ribeiro. O tenente, quando regressava da aula, via na janella de peitoril, uma vez por outra, a sua mysteriosa e lepida visinha encaral-o com uma fixidez perturbadora como um envoltorio de fluidos galvanicos.

Certa estanqueira estabelecida na loja da casa onde se aninharam aquelles amores clandestinos, informou-o da má vida intima dos adventicios. Havia desavenças todas as noites, gritaria, choradeira, e ás vezes repelloens reciprocos, a ponto d'ella cahir no sobrado. D'estas altercaçoens nocturnas, a informadora podéra liquidar que o homem se chamava *Bramão,* ella *Gloria,* e que tinha marido na capital. Entre os epithetos que elle lhe desfechava, o mais accentuado e repetido era *bebeda, grandissima bebeda;* e a estanqueira justificava a qualificação, contando que a menina Gloria, assim que o Bramão sahia, mandava ao armazem da Companhia

fronteiro duas garrafas vasias que se trocavam por garrafas lacradas de 800 reis.— Acho que se emborracham ambos de dois! —conjecturava a mulher dos tabacos, offerecendo a sua opinião indecisa ao reflexivo freguez dos cigarros.

Uma noite, foi tamanha a gritaria, que a patrulha bateu á porta da estanqueira perguntando que gritos eram aquelles no primeiro andar. A mulher, na sua impaciencia de estrenoitada, respondeu azedamente que era uma creatura com a sua pinga; que fossem os soldados á sua vida, porque não havia remedio a dar-lhe á carraspana senão cozel-a; e que cada qual em sua casa podia embebedar-se como quizesse e quando quizesse. Se percebiam? perguntava colerica. E a patrulha: que sim, que a cozesse ella e mais a visinha. E a estanqueira:—Malandros!

Eram então triviaes no Porto estas scenas do Baixo-Imperio, dialogadas entre o pe-

queno commercio e os pretorianos municipaes — os *janizaros* do Costa Cabral. N'aquelle tempo, tudo que era tropa chamava-se *pretorianos* e *janizaros* — uns pobres diabos a 30 reis por dia e rancho de couve gallega com feijão fradinho. Depois é que expluiu o caceteiro, pago pelos edis, a 480 reis diarios, e mais, consoante a pressão exercida nos ossos parietaes do *patulea*.

O tenente estava á janella a escutar o alarido, sentia uma compaixão infinita por aquella formosa senhora; e scismava se a embriaguez seria refugio de grandes tribulaçoens n'aquella alma que se atirava a um charco de vinho para apagar a luz do intendimento e da memoria — perturbar a vida afflictiva da consciencia escorreita.

Na manhan seguinte a esta noite tempestuosa, Bramão sahiu e não voltou mais.

A estanqueira soube d'ahi a dias da criada de Gloria que a sua ama tinha vendido a unica pulseira, porque o pelintra do patrão

lhe não deixára vintem; e ajuntou que ella pouco mais tinha que vender, a não ser os vestidinhos, porque já tinha derretido as joias para sustentar o vicio do amante, que era jogador e perdia sempre.

A criada, aquecida pelo atríto das revelaçoens, confessou que sua ama tomava a piella todas as tardes, quando a não apanhava tambem todas as manhans, bemdito seja o Senhor! Que o patrão vinha de fóra levado de todos os diabos, e entrava ás testilhas com ella, palavra puxa palavra, e iam ás do cabo, pancada de criar bicho, e batiam de meias. A senhora, coitadinha, antes de se emborrachar, chorava lagrimas como punhos, a contar-lhe a sua vida. Que era filha de gente grande, e casára, contra vontade sua, com um almofariz da casa real. A estanqueira não comprehendia o casamento com o almofariz. Carlos Ribeiro emendou para *almoxarife*, explicando o officio com a sua costumada bondade illustradora.

Como quer que fosse, a infeliz senhora embriagava-se depois que chorava lucidamente. Era isso mesmo o que o tenente havia conjecturado com a sua romantica intuição de 1844.

Da piedade não é trivial a passagem para o amor; mas, se a commoção do amor precede a do compadecimento, o caso de Carlos Ribeiro é vulgar. Escreveu o meu amigo a D. Gloria offerecendo-lhe os seus serviços desinteresseiros n'uma terra em que sua excellencia era hospeda, e não tinha talvez relaçoens. A visinha respondeu-lhe com uma caligraphia ingleza, e uma grammatica impenetravel á unha da critica mais meticulosa. Em meio da sua prosa florida, alinhava-se o alexandrino de Victor Hugo:

Oh! n'insultez jamais une femme qui tombe...

O mathematico ficou mais deslumbrado com a contextura da carta do que ficaria

trinta annos depois quando achou em Ota a garantia da sua immortalidade como homem de sciencia—o Anthropopithecus.

A correspondencia travou-se em phrases recheadas de versos de Hugo e Lamartine, até que o tenente entrou sósinho, sem os poetas auxiliares, e sómente com a sua prosa commovida, na alcova da visinha. Era uma alcova sem pretençoens bysantinas, nem cosmeticos caros; apenas algum *Patchouli* nacional, e agua de Colonia, em parodia, fabricada por um pseudo Farina, e muito almiscar, perfumaria dos gyneceus infestos á Moral, perdição dos caixeiros de risca ao meio, e grandes absorventes de licor de Rosa e de Van Switen. Era, em summa, a alcova atrapalhada de uma *touriste* que vai vagamundeando a sua vida escoteiramente, sem reparar se ha estôfos, estatuêtas, bronzes e Sevres e pavilhão de ondulaçoens setinosas, com lampejos

crús de metaes esmaltados, no leito das reles estalagens onde pernoita.

Elle sentiu na ante-camara o fartum acidulado da baga alcoolisada dos vinhos crassos da Companhia: era o perfume de uma adega do Roncão. Foi uma nuvem de máos presagios no azul da sua felicidade aquelle cheiro.

Entravam a dialogar na temperatura madrigalesca do ultimo romance de Arlincourt, quando ella mandou servir vinho do Porto de oito tostoens com pasteis de Santa Clara e *queques* da Palaia. O hospede sacrificou-se cortezmente a algumas libaçoens, pequenos goles intercalados de perguntas e respostas, deixando o calice opalino em meio. Ella, entretanto, n'uma exaltação theatral, defendia a these do adulterio, com reminiscencias peoradas da *Lelia* de George Sand; e, como inconsciamente, na abstracção enthusiasta dos largos gestos, ia engatando uns calices nos outros, em rapida viagem para a região do

Falstaff e da Maria Parda de Gil Vicente. Parecia mesmo uma actriz franceza *des Variétés,* com uma forte diáthese de bambochata, que viesse de cear no Café Tortoni com *champagne frappé,* na roda reinadía de Roger de Bauvoir e Roqueplan. Carlos, quando a viu em afinação mais que suspeita, sentiu borbulhar-lhe o pranto da ingenuidade; porque ella, carminada pela ebulição do sangue, esbandalhada, e escandecida pelo que havia sincero e logico na sua declamação, relampejava uns claroens electricos que pegariam fogo em carne menos combustivel que a do artilheiro; porém, a elle, faziam-no chorar as lagrimas entranhadas que os olhos téem pejo de mostrar, e, reprezadas na alma, chegam a cegal-a como um collyrio de acido sulphurico concentrado. Figura-se-me que estou a escrever isto em 1844! Que imagens! que botica!

E a dama, n'uma absorpção de visitada pelo *ecce Deus,* com o iris acceso e a pupilla retrahida pela atropina da Companhia, não

despegava do fio das ideias, torrencialmente. Tregeitos exquisitos e sacudidos da escóla melo-dramatica de Emile Doux. Fazia vibraçoens gloticas, cavas, gutturaes de quem recita threnos. Arredondava phrases repolhudas, pomposas, de dramalhão, respigadas nos *Dous Renegados* e no *Captivo de Fez*. Por baixo do vinho já estava o absintho do odio ao pai que a violentára a cazar-se; mas a losna não lhe calcinava os nervos sem a combustão inflammatoria dos extra-finos, muito sêccos, do Alto-Douro.

Acidulada sob a influencia das suas virginaes reminiscencias de menina e môça, etherisava-se. Ora, é regra corrente que o alcool, submettido aos acidos, transforma-se em ether. Insignes pharmaceuticos o asseveram. Todas as commoçoens internas são chimica. Isto, que d'antes se chamava alma, é uma retorta de cristal da Bohemia em uns sujeitos, e de barro de Estremoz em outros sujeitos. O grito das paixoens que desfibram

e matam é o estampido da retorta que rebenta. Agora, a differença: se a retorta é de crystal, os estilhaços, embora embaciados de lagrimas, tem ainda rutilaçoens que encantam a Arte. E, se a retorta é de barro, os cacos abeberados nas lagrimas repellem a vista porque parecem lôdo. Edgard Pöe, Alfred de Musset e Baudelaire, envenenados pelo alcool, são hostias immoladas a um meio social responsavel — são retortas de crystal feitas pedaços pela paixão. O Sena cospe ás margens, cada mez, dezenas de suicidas que apenas tem vinte e quatro horas de nojosa exposição na Morgue. São os cacos da retorta de barro dissolvidos em lama.

Quanto a Gloria, para ser uma consummada tragica na voz e no gesto, bastara-lhe uma regra que não se acha bastante inculcada nas prelecçoens do Conservatorio Real das Artes scenicas, isto é: carregar-lhe no copo.

*

Ácerca d'este elixir vitalisador das citadas Artes scenicas—necessidade physiologica (o copo, intenda-se, e não as *Artes)* do sangue luzitano de origem celtibera—não sei quaes sejam as cogitaçoens actuaes do meu Luiz Augusto Palmeirim, egregio director do Conservatorio Real. Cumpre-lhe, todavia, estar precavido contra as anemias e opilaçoens (opilaçoens, no sentido casto de *chloroses)* d'aquelle aviario de roussinoes e outros passaros que regorgeiam em perpetuo abril, estofando os seus ninhos com o pollen das flores.—*Pollen das flores,* notem a figura que é rara n'estes tempos hostis á rhetorica. Ora pois. Que aquelle seminario das Artes scenicas borborinhe sonoroso de interjeiçoens tremicullosas como calefrios, arranques tragicos, morbidezas de bemóes e sustenidos; e que,

depois de um purgatorio de rabecas e pianos, — supplicio indispensavel — rutilem, ao diante, pelas trapeiras das aguas-furtadas do Bairro-alto as constellaçoens sidereas das Sarah, das Nilson, das Patti, dos Rubeinstein, n'este paiz de *Manoel Mendes Enchundia,* da *Canna-verde,* do *Passarinho trigueiro* e do *Fado choradinho.* Notem que o dr. Letourneau escreve que uma ponta de vinolencia é a poesia da digestão (1); e tambem affirma que onde quer que se usa a bebedeira, existe uma litteratura bachante (pag. 45). A regra em Portugal falha praticamente. Temos a bebedeira sem a litteratura, talvez por falta de editores pouco serios.

*

D. Gloria, não obstante, seria ridicula hoje em dia que a sciencia glacial esfriou a admi-

(1) *La Sociologie,* pag. 44. Paris, 1880.

ração pelas mulheres de talento menos methodico, desvairado por exorbitancias vadias.

N'aquelle tempo as senhoras que recendiam essencias de macassar, e tinham sido iniciadas nas assembleias pelos parlapatoens da Restauração, eram assim. Reinavam os *parvenus,* uns devassos broncos, algum tanto desbastados pelo esmeril da emigração, ou sahidos das cadeias com uma grande fome de mundo, de diabo e de carne, os trez amigos figadaes do corpo, como explica methaphysicamente a *Cartilha da doutrina* para uso dos collegios de meninas. Elles tinham as fossas nazaes virgens do nitro das granadas do Porto; mas eram destemidos fundibularios de patacos regeitados á sege do sacrificado duque de Bragança que lhes dera patria sem os inconvenientes da forca, e dilacerára o coração nos sobresaltos das batalhas. Eram os bagageiros do espolio opimo com todos os caracteres ethnicos da siganagem portugueza. Compravam conventos com titulos

azues e rebatiam a 17 p. c. os arriscados e sacratissimos emprestimos aos *Regeneradores* de 20 e aos *pallikares* empennachados da *Belfastada*.

Os *parvenus* inculcavam como norma da perfeição feminil a *Corinna* de madama de Stäel, a mesma madama em pessoa a fazer aos psycologos philosophias, e coisas mais praticas a Benjamin Constant, como a Récamier ao velho lubrico que fazia, da sua parte, o *Genio do Christianismo*. Todas e todos muito devassos e eloquentes, boas e bons para começarem os seus romancinhos ao fogão e concluil-os nas alcôvas. Foi este o ideal da mulher que os emigrados trouxeram dos *boulevards* e dos hoteis *garnis* a 2 fr. e 50 cent., com uma de-mão do verniz de Mabille.

Lia-se então copiosamente a obra emocional de Paul de Kock; e os hierophantas do reino restaurado folheavam com mão diurna e nocturna a *Republica* de Platão, onde o grande legislador, em pleno luxo de policia-

mento hellenico, preceituava que as mulheres passassem de mão em mão. (Livro v.) Esfervilhavam por isso as Xantipas com que os Socrates altruistas obsequiavam os Alcibiades, e floreciam as Marcias que os virtuosos maridos Catoens emprestavam aos Hortensios. Assim como nas lojas maçonicas muitos dos triumphadores de 34 — um grupo sahido da barbaria da idade-media — se chamavam *Catoens* e *Socrates,* por igual theor, no sanctuario da familia, usavam os mesmos habitos greco-romanos. Foi por isso que, em 37, o apocalyptico autor da *Voz do Propheta* denominou Lisboa uma *caverna de vicios e desenfreamentos.*

Uma franceza, amante varia de varios francezes, mad. Pauline de Flaugergues, dava o tom em Lisboa, por esse tempo, em versos e frescor de cutis polvilhada de bysmutho. Rodeavam-na os areopagitas do plectro e da sintaxe, a mestrança da versejadura — Castilho, Garrett e os outros da constellação.

Esta bohemia trovista foi dada como typo de mulher emancipada pelo talento. Teve ovaçoens das lyras primaciaes. Damas da côrte, creadas em novenas e lausperennes, atiraram as camaldulas ás ortigas e pegaram de fazer muitos gallicismos grammaticaes e pessoaes. Viveu-se uma rasgada bacchanal á franceza, em que tomaram o seu quinhão *pro rata* as mulheres dos marquezes, as filhas dos algibebes e as esposas dos ex-almoxarifes. É como foi. A D. Gloria era um fructo bichoso, sorvado, de arvore que não sevou a raiz em terreno alheio mal adubado. Era cedo ainda. Ás portuguezas faltava-lhes o *savoir-vivre,* para se aguentarem corrompidas e elegantes. *Jam novus rerum nascitur ordo.* Isto hoje está melhor — está como deve ser. A mulher cae; mas sabe cahir n'este palco; e não podia ser assim ha quarenta annos. *Go ahead!*

O certo é que aquella dama foi a primeira paixão de Carlos — a primeira que é tão forte e pouco menos tola que a setima e a vigesima nona.

*

Trez mezes volvidos, Ribeiro tinha perdido a alegria, o affecto ao trabalho, a convicção da sua immaculada probidade, e já luctava com as duras hostilidades da pobreza. Quanto a Gloria, cada dia mais formosa, mais fascinadora e mais crapulosa. Elle chegou a pedir-lhe em joelhos e de mãos erguidas que se abstivesse de beber tão destemperadamente; e ella, no lucido uso das suas faculdades dirigentes, respondeu que não podia, — que o embriagar-se era o seu suave e dôce suicidio, porque queria morrer.

Carlos obtivera informações de Lisboa. O pai de Gloria ainda vivia. Era um bom

proprietario rural na comarca de Torres Vedras, tinha sido criado particular do snr. D. João VI, cazára com uma retreta da snr.ª D. Carlota Joaquina, e tinha o habito de Christo. O marido era mentecapto e velho. Perdera a rasão com a queda do snr. D. Miguel e do seu almoxarifado no Alfeite. Quanto a Bramão, um industrioso, vivia de apostas ao bilhar no Marrare das 7 portas e era casado com uma peccadora acirrante, uma trigueira de bigode que se desforrava usurariamente das perfidias do marido, sendo perfida para todos os amantes.

Meditava Carlos em commiserar o velho cavalleiro de Christo, na esperança de regenerar a dignidade de Gloria com a convivencia do pai venerando e das irmans honestas. O velho respondera a quem lhe pediu compaixão para a filha que a julgava morta, e morta devia estar para elle; mas que não a repulsaria do seu talher, porque a desgraçada

tinha a seu favor como desculpa o haver casado constrangida.

Quando o tenente, triste pela deixar e alegre por salval-a, lhe communicou a resposta do pai, ella improperou-lhe a covardia de a não desenganar, se estava farto de atural-a, e reprovou a missão caritativa de a reconciliar com a familia, não tendo procuração para isso. Depois, trocaram-se palavras desabridas.

*

No dia seguinte, D. Gloria deixou a casinha da rua da Sovella e foi para o Bom Jesus do Monte com um dos leões d'aquelle tempo em que a cidade da Virgem parecia ser da Venus Callipygia—uma leoneira da Hircania, onde as epidermes roliças das donzellas de Cedofeita e as ostras da Aguia d'Ouro eram o pastío nocturno d'aquelles

dragoens, producto da concubinagem do romantico burro de Buridan com a classica burra de Balaão. D'esta progenie, que herdára da mãe o dom da palavra, e do pai um amor menos indeciso ás duas maquias, evolucionou-se o *crevé,* o estoiradinho, um phenomeno embryologico, que encaracola *bellezas* na testa exigua de microcephalo, incalamistra o bigode, e tem do D. Juan de Maraña simplesmente a guitarra com que perverte familias espanholas vigiadas pela policia medica. De resto e *au fond,* os estoiradinhos são grupos de moleculas, agregaçoens granulosas, saturadas de marisco, de cerveja barata da Baviera e nicotina, justificando a formula excentrica e um tanto paradoxal de Bacon: *o vacuo de mistura com o solido.* Protegidos pela lei geral do atomismo, agitam-se no turbilhão universal da materia inconsciente: são «acasos da concorrencia vital», como diria Darwin; mas não confundir *concorrencia* com *selecção natural;* que a natureza é mais lo-

gica e demorada nos seus transformismos. Pela rapidez com que do *leão* pujante de 1840 se engendrou o *catita* escrophuloso de 1880, é claro que a *selecção* foi *artificial,* estabalhoadamente, grande celeridade. A este respeito, os curiosos orientem-se em Topinard, L'ANTROPOLOGIE, *passim*. Cumpre notar que, no arranjo organico do estoiradinho, collaboram 65 elementos conhecidos, diz a Sciencia. 65! que prodigalidade! A não ser a Sciencia, quem diria que a Natureza para construir um cretino gastou quasi cinco duzias e meia de elementos—os mesmos que despendeu para fazer o mar, o espaço, o mundo sideral, os cyprestaes balsamicos do Libano e os fedores humanos da Baixa; o Caneiro de Alcantara onde os microbios fazem as suas regatas recreativamente, e o Amazonas, a banheira do sol, espraiando-se em escamas refulgentes; o Garrett que faiscava, como um cerebro de diamantes facetados, as *Viagens na minha terra,* e o cere-

bro do outro Garrett que supurava, como um tumor apostemado, as *Viagens a Leixões!* Com as ultimas palavras da biologia é que a Sciencia regeita o dogma da alma, e nos convence de que o estoiradinho, pelo que respeita á porção cinzenta do cerebro, deixa de ser o rei da creação para retroceder, por atavismo e sem hyperbole, á familia dos vibrioens, um quasi infusorio, e pouco mais que proto-organismo, irresponsavel pelos seus flagrantes delictos de brutalidade.

Em obsequio a estes irresponsaveis é que o bispo sr. D. Antonio Ayres de Gouvêa tanto e valorosamente impugnou a pena de morte. Todavia, o seu victorioso repto á forca, mallogrado em Beccaria, em Lamartine e V. Hugo, seria socialmente mais completo, se s. ex.ª tambem conseguisse que, em vez do *menu* pouco peitoral da strychnina municipalense, se servissem *côtelettes de veau sauté aux truffes* aos magros cães vadios, inoffensivos na sua fome e na sua sêde. *Struggle*

*for life.* Sei essa trivialidade erudita; mas a lucta pela existencia não authorisa que os vereadores sejam carrascos dos cães, em quanto o equilibrio dos negocios publicos e o pagamento em dia dos 6 por cento das inscripções lhes permittir comerem o boi. Ora — digamol-o de passagem — o boi era um Deus entre os egypcios, o divino Apis, e entre nós é o manso e pingue holocausto de uma bestialidade carnivora; porque nós, os europeus, comemos os Deuses alheios em bifes, e os proprios em hostias. Sacrilega pouca-vergonha!

*

Voltando ao drama e ás palpitações do leitor por um pouco suspensas, a estanqueira contou depois que, emquanto o tenente estava na mathematica fazendo garatujas na lousa, um esbelto rapaz, todo de preto, com um cacetete, pantalonas á *hussard,* fazia tilin-

tar o tinido das suas esporas amarellas no pavimento de D. Gloria. Trabalhosa e fragil senhora!

*

Eu morava na rua Escura, no bairro mais pobre e lamacento do Porto, um bêcco fetido de coirama surrada, em uma esquina que olha para a viella dos Pellámes. Eramos dois os estudantes que occupavamos o terceiro andar com uma retorcida varanda de páo, esmadrigada, n'um escalabro de incendio, debruçada em ameaças sobre os transeuntes como a varanda de Damocles, muito mais perigosa que a lendaria espada, cujo gume deve estar muito rombo e puído da esgrima dos eruditos em Damocles. No primeiro andar morava a proprietaria, uma adéla que nos cosinhava certas iguarias dignas de ser expostas ao sêvo das aves de rapina no peitoril d'aquella varanda. Quanto a ratos,

era uma succursal de Montfaucon. O segundo andar tinha escriptos desde muito, e não havia homem desesperado, cançado da vida, que ousasse tentar o suicidio n'aquellas ruinas minacissimas. Quem procurava casa, olhava com terror, e seguia o seu caminho, como se ali morassem os leprosos de Xavier de Maistre.

Disse-me a patrôa, uma noite, alegremente, que tinha alugado o segundo andar por deseseis tostoens mensaes a uma creatura, que lhe parecia mulher de pouco mais ou menos; e acrescentou com uma sensata indulgencia: «Seja ella o diabo que fôr, o que eu quero é que me pague adiantado; senão, minha amiguinha, viella, viella!» e apontava para a rua com um gesto de braço e dêdo perfurante como uma estocada.

Com effeito, a devoluta varanda do segundo andar, tão destroçada como a minha, aguardava uma Julieta adequada competentemente aos Romeus do terceiro.

A inquilina entrou e pagou.

Quando eu recolhia da chimica e subia ao meu terceiro andar fazendo gemer ós degráos, olhei curiosamente para a salêta do segundo, e conheci a Gloria da rua da Sovella. Estava muito acabada, olheiras fundas, os angulos faciaes descarnados, os beiços roixos, calcinados pela combustão dos licores. Na epiderme transparente já não lhe revia o rubor setineo do sangue colorante. Sobre as saliencias malares, manchas rubras que poderiam ser de vermelhão ordinario ou da febre ethica; os tegumentos pareciam emplastados por uma camada de velha cêra amarellada. As cordoveias do pescoço, muito esbagachado, com umas saliencias nodosas como cordão de S. Francisco.

Havia um anno que ella tinha deixado Carlos Ribeiro immerso em uma grande commiseração, disia elle; mas eu sabia que era maior a saudade que o dó.

Procurei o meu amigo que havia concluido o curso e entrára na fileira. Estava fóra do Porto em serviço. Melhor foi assim, porque a noticia que eu lhe levava poderia magoal-o ou fazêl-o descer até ao vilipendio de a visitar.

Ao fim de quinze dias, disse-me a patrôa que a *Aurora*—nome de guerra que se dera D. Gloria—uma noite por outra, recolhia comsigo um engajado. Fallava sempre com figuras decentinhas a minha patrôa. «Engajado» era decente. Diziam então as senhoras nos bailes da Assemblea: «Já estou engajada para a terceira polka».

Quanto á natureza dos engajados, disse-me que eram velhos. Conhecêra o Rapozeira, um d'oculos, que tinha loja de batinas e galoens para esquifes, na rua Chan; outro, era amanuense da camara do bispo—ambos muito borrachoens. E promettia pôl-a no olho da rua, se ella continuasse a fazer-lhe troça, por noite velha, em cima da cabeça, dansando o Sarambeque.

O Sarambeque era da natureza bordelenga do *Hulalá,* um bailado dissoluto, priapêsco das Ilhas Hawaí. Eu nunca pude ver a assemblea da visinha, nem o cavalheiro bestial ajoujado por tal dama ás suas *soirées* dansantes. Quem quer que fosse, dava, no repicado sapateio da sua furia endiabrada de selvagem de Ceylão, oscillaçoens de terramoto ao predio. Muitas vezes, reciei que, *verbi gratia,* desabada aquella casa filial das orgias de Sardanapalo, eu fosse o candido bode expiatorio sacrificado no entulho da derrocada ás iras dos deuses e da senhoria. Depois, noite alta, havia comedorias—um aziumado de azeite rancido e alhos, estrugidos emeticos, emanaçoens sulphydricas d'aquellas almas latrinarias. Lamento, já agora, não ter então colhido notas para hoje me inculcar um Petronio testemunhal e authentico d'essas ceias de Trimalcião com iscas de figado e o rascante de Cabeceiras de Basto.

*

Um dia, de madrugada, acordou-me um grande berreiro nas escadas. O meu companheiro, o bom Machado de Carção, um medico que morreu ha muitos annos, foi examinar de perto a desordem, e contou-me que um velhote apopletico, com ares de jarrêta provinciano, estava gritando que Aurora lhe roubara vinte e cinco pintos da algibeira do collête, depois de o ter embebedado com genebra.

O roubado sahira em berros para a rua, e os calcêtas, que trabalhavam no lagêdo arrastando os grilhoens, assobiaram-no. Aurora dava gritos de innocente contra a calumnia, e a proprietaria intimava-lhe ordem de despejo immediato. D'ahi a pouco, a ladra era preza pelo cabo de policia, conduzida á regedoria e de lá para o Aljube.

Fui para a chimica do eggresso e encontrei o tenente Ribeiro. Contei-lhe o caso que elle me ouviu com os olhos marejados. Depois, pediu-me que commettesse o delicto infando da vigesima quarta falta na aula, e o ajudasse a salvar, se possivel fosse, aquella enorme desgraçada, visto que elle não queria figurar pessoalmente. Mandou-me ao regedor; que soubesse onde estava o roubado, e lhe restituisse os 12$000 reis para elle não ser parte á preza. Que lhe referisse eu a sinistra vida de Gloria para que elle, compadecido, a não mandasse ao tribunal. E que, depois, fosse eu ao Aljube, e lhe dissesse que, se ella embarcasse no primeiro vapor para Lisboa a procurar o amparo de seu pai, havia quem lhe pagasse as despezas.

Fui ao Aljube ás 3 da tarde. Lá dentro era noite. Gloria estava innovelada a dormir sobre uma enxerga a um canto. Ella tinha sahido, quinze dias antes, de uma enfermaria do hospital de Santo Antonio, quando a

sua visinha, mais feliz, era levada, ainda morna, em uma padiola para o theatro anatomico. A devassidão emparceirada com a morte mandaram aquelle esqualido presente ao escalpello da sciencia. Ah! quantas curvas de musculatura roidas pelo hydrargiro eu retalhei para hoje poder, como testemunha de vista, jurar que o coração é um musculo ôco!

No soalho em que dormia Gloria, parecia que tinha choviscado lama. A enxerga era de uma preza, cujo cão de agua, gordo e muito sujo, dormia aconchegado dos quadris da outra. A dona do cão tinha uma cara cheia de enygmas, acidentada de periosteos cariados, exfoliados, com barbas. Seria uma riqueza craneologica para um Hæckel ou Topinard; mas para mim era simplesmente uma asneira paradoxal em anatomia comparada. Nunca me esqueceu. Lembro-me sempre da figura indelevel d'aquella mulher, quando nego a blasphema hypothese do Deus de

Moisés e do sr. padre Grainha, um Deus que fez á sua imagem e semelhança e—o que mais é—á sua custa, um typo humano com o perfil divino d'aquelle feitio. Contou-me que estava ali por ter dado uns tabefes n'uma regatona de castanhas cosidas que lhe deitava o raio do olho ao marido, o João do Corgo, um calcêta que andava a cumprir sentença de toda a vida, innocente, por ter ajudado a matar um padre. Innocente! Como ella qualificava a iniquidade da justiça social com seu marido que matára em collaboração um levita! Queria talvez que o premiassem como quem mata um lobo.

Com referencia á sua companheira, tambem a julgava innocentissima. Contou-me que se enchera de aguardente até cahir; e logo á entrada protestára que se havia de enforcar nas grades. Acrescentou, n'uma irritação de quem tem soffrido injustiças exulcerantes, que a pobre da creatura não roubára nada; que todo o dinheiro que tinha

eram seis vintens em prata que comprára d'aguardente.

Entretanto, Gloria ressonava.

Era um bonito exemplar de um cancro roído pelos microbios de fóra, de parçaria com os microzimas de dentro — herança do Paraizo. Isso que ali tresandava era um dos abcessos estercoraes que genealogicamente nos vieram do ventre primordial de Eva, nossa matriarca. De lá nos deriva — divina Iniquidade! — esta syphilisação das almas, transmissivel e incuravel a despeito dos varios *Robs* depurantes, *brevet d'invention,* das pharmacias do Vaticano.

Em quanto ella dormia, fui a minha caza que pegava com o Aljube pelas trazeiras, e rebusquei no estafado colchão de Gloria os vinte e cinco pintos, visto que ella os não tinha em si. Lá estavam em uma bolsa de camurça. Fui com o dinheiro á regedoria, onde compuz o meu primeiro e inedito romance oral, nada auspicioso, contando á au-

thoridade inflexa que a preza estava innocente, porque o queixoso, antes de se embriagar, escondêra o dinheiro no colchão, e não sabia depois onde o mettêra. O meu romance foi pateado, pelo sorriso do regedor, como inverosimil — desastre que depois me tem succedido com outros muitos romances, inspirados por intuitos menos louvaveis e mais verosimeis. Eu quizera salvar Gloria da imputação de ladra. Em todo caso, o funccionario, lavrado um auto que assignei como apresentante do roubo, embolsou o velho devasso, um negociante de fructa da Penajoia, que me queria dar um pinto de alviçaras, o qual eu regeitei com um pudor anachronico, arcadiano.

Eu que descera das penedias transmontanas, perfumadas das essencias das matas altas, vestidas do roziclér das auroras, da purpura vespertina dos crepusculos, de moitas de rosmaninhos, e resvalára á sargêta da rua Escura, fui como um archaico *The-*

*souro de Meninos,* cahido no enxurdeiro e focinhado por aquelle cerdo da Penajoia; ou, melhor comparado, era o nenuphar solitario, a impolluta nymphea do pantano portuguez de 1845.

Quando voltei ao Aljube estava ella muito atordoada, n'uma bestificação, a queixar-se de fome, porque não comia desde a vespera, e o alcool causticava-lhe as mucosas. Fui á estalagem da rua de S. Sebastião, ali ao pé, e mandei-lhe o jantar. Comeu pouco e não quiz vinho. Pediu genebra que lhe não dei. Ao anoitecer, chegou um quadrilheiro com a ordem da soltura. Acompanhei-a ao seu segundo andar. Ella olhava muito pasmada para o colchão que ainda tinha parte dos intestinos de retraço de palha moída por fora da abertura; mas não fez alguma reflexão em voz alta. Propuz-lhe a sahida para Lisboa no dia seguinte, com os meios que o meu amigo lhe liberalisava. Fallei-lhe no perdão do pai, na sua regeneração — fui tocante; e ella, com

uma indolencia idiota, e um escancarar de bocca:

— Tanto se me dá como se me deu.

A mulher que, um anno antes, citava Lamartine, Victor Hugo e Sand estava assim estylista: Tanto se me dá como se me deu!

*

Como aquella senhora se despenhou vertiginosamente até cahir no fòjo immundo de uma devassidão bestialmente suja é phenomeno que só espanta quem não sabe logica, nem conheceu um exemplo. E quem não conhece trez exemplos que o dispensem de encadear os elos da logica?

Eis-me na rhetorica!

Eu não ignoro que esta especie de autopse em cadaver estampilhado com a infamia que não discutem pessoas que se prezam, é um

archaismo, uma subjectividade obsoleta. A escola naturalista estabelece que a comprehensão publica está por tanta maneira salitrada d'estas podridoens que não carece da catechese psycologica para perceber o desabamento.

Pois se intendem como foi que aquelle corpo tábido de D. Gloria chegou assim no enxurro ao ergastulo das ladras, queiram desculpar esse pedaço de estylo quartenario, que ahi fica para admiração dos archeologos, como se fosse um craneo dos *Paraderos* da Patagonia.

Consintam, porém, que eu me imagine, em 1845, na rua Escura, a interrogar o segredo da miseria humana, Deus, o *Motor Immovel,* assim chamado por Aristoteles. Como cahiu na esterqueira do aljube das ladras aquella pasta de estrume, o farrapo roixo das escareas de uma ulcera cancerada que, uma só vez, Jesus, com os seus olhos abrasadores de fogo divino, podéra cauterisar no peito

da meretriz de Magdala? Para resgatar uma judia formosa e dissoluta das presas aveludadas da lascivia oriental, foi preciso um ente ultra-humano; e, para esse bom exito, fez-se mister que o Deus—mais conhecido entre as familias pelo *Padre Eterno*—baixasse da sua metaphysica immaterial ao anthropoide, encorporando-se n'um gentil nazareno; aliás, talvez não fizesse nada—palpita-me. Um Deus extreme, categoria ideal incomprehensivel, sem mescla de homem, com uma organisação desconhecida aos biologos, não vingaria, com todo o seu *mise en scène* de trovoens e relampagos, infiltrar contrição no peito d'aquella mundana, calafetado pelos beijos dos tetrarcas, dos pretores e dos opulentos chatins da Assyria. É bem notorio que os feios cornudos diabos do vicio, dispersos no ambiente, muito familiares com os costumes de planetas, cometas, meteoros, etc., e *blasés* em trovoadas, não largam as suas victimas, ainda que a faisca electrica de um

corisco lhes queime aquella parte do cavallo morto a que o anexim portuguez deita a cevada. O diabo tem a enorme força que Deus lhe deu sobre a nossa fragilidade. Nós somos a pluminha volatil da pomba redemoinhando vertiginosamente nas convulsoens de uma tromba terrestre. Fez-se, por tanto, mister a humanidade gentilissima de Jesus, adoravel na sua vida casta e na sua indulgente misericordia com as peccadoras, para reduzir aquella á honestidade. Elle tinha escripto com o dedo na poeira da praça a sentença absolutoria d'uma adultera. Alem d'isso, o valoroso galileu atagantara com umas disciplinas de esparto as costas da quasi sempre respeitavel classe commercial, que armara vitrines de modas e confecçoens no templo. Seria ali que provavelmente a espaventosa Magdalena, com grandes uzuras, e talvez a gis, ou á custa de meiguices fraudulentas, comprára as suas pompas—a escarlata persica dos seus mantos roçagantes, as meadas

de perolas de que emmastrava as suas tranças loiras, e as essencias aromaticas com que ungira, a despeito de Judas, os pés do mavioso acariciador das creanças innocentes, e juiz compadecido das filhas de Jerusalem iscadas da corrupção romana.

Creio na conversão de Maria Magdalena; porém a de sancta Maria Egypsiaca e das trez sanctas Margaridas, uma de Cortona, outra do *Fausto*, e a terceira de appellido *Gauthier*, essas são fallacias de agiologos e dramaturgos.

*

A filha do Cavalleiro de Christo, esposa do ex-almoxarife, foi para Lisboa, decentemente trajada, em beliche de 1.ª classe. Carlos Ribeiro hypothecára talvez o seu soldo de seis mezes. Se me dessem a escolher, eu preferiria ter praticado este acto a ter feito a descoberta do *Anthropopithecus Ribeiroii*.

*

Em 1845, ao deixar o Porto e a chimica para ir jurar bandeiras na bohemia de Coimbra, despedi-me de Carlos Ribeiro e nunca mais o vi. Trinta e sete annos de separação absoluta como exordio da eternidade!

Pois que as nossas pesquisas paleontologicas eram em mundos diversos, nunca mais nos encontramos. Olhavamos as cumiadas de montanhas em horisontes oppostos: elle —para o acume da Sciencia, a desvendar os segredos do genesis; eu—para a Arte, a subjectividade esteril. O archeologo, pelo pregão dos mestres europeus, assumiu a eminencia; depois, morreu; mas está na posse da immortalidade. Bem boa coisa. Em quanto eu, graças á magnanima concessão dos meus patricios lettrados, estive toda a vida, ao sopé

da montanha alcantilada, a descrever coisas feitas pessoas por essas terras quentes dos Brasis, onde ha fermentaçoens, e avatar e os transformismos darwinistas como em nenhuma outra fauna.

A este rude caboucar de um terço de seculo, devo eu — ó celestiaes bebedeiras de gloria! — a exultação atordoante de me ver, aqui ha dias, conceituado em certa gazêta da capital como *romancista conhecido.* Li-o em lettra redonda e resisti á apoplexia do jubilo. «Romancista» *tout court* era já uma apotheose hyperbolica; porém, de mais a mais «conhecido», isso transcende os extasis de uma idolatria catholica, que me colloca na jerarchia litterata de S. Cypriano, de Sancto Athanazio e d'outros Sanctos Padres romancistas mystagogos maiores da marca. Mas, visto que assim o querem, este culto pagão muito me penhora. Pois bem! Quando um plumitivo arrojado, sovando aos pés os conspiradores do silencio, trepa até não ser de

todo desconhecido no Chiado — 5.ª essencia de Babylonia com perfumes de Marrocos — esse petulante genio não transporá as fronteiras da modestia, se almejar as doidas delicias de ouvir, um bello dia, nomear a sua pessoa conhecida no não menos conhecido Poço do Borratem.

Pois é verdade: eu, como novellista, descobri mais anthropoides do que elle como geologo. Mas faz pena que eu não procurasse ensejo de pedir aos setenta annos do general as recordaçoens do tenente.

Quanto a Gloria que, por uma inconsciente zombaria de si mesma, ao atufar-se na noite caliginosa da miseria e da infamia anonyma, se chamára *Aurora,* se isto fosse um romance, pode ser que eu, n'esta idade provecta, ainda tivesse explosoens de fantasia rara para fazêl-a morrer de alcoolismo, no catre do hospital, para onde a levaram esfragalhada, mordida pelos cães vadios, apupada pelos gaiatos, sovada pelos pontapés da guar-

da-municipal, espumando gromos de sangue nos ultimos vomitos da aguardente.

Mas eu não sei como, nem quando ella morreu; nem sei se é viva e se está na quinta dos seus avoengos restaurando com capilés e agua de Lourdes o estomago e os erros da sua mocidade.

*

Este episodio da mocidade do douto general, se eu o contasse ha trinta annos, teria os recortes, os matizes e filigranas idealistas da poesia que ainda n'essa epoca de transição enfeitava as suas dissecçoens nauzeabundas das paixoens animaes. Todo analysta da vida e da morte vestia umas luvas brancas quando expunha sobre a sua banca de trabalho uma peça anatomica, um coração para descoser, e sahia com as luvas sem nodoa. Era isso um grande mal. O romantis-

mo poetico inflorava as putrefaçoens com côres e subtilezas taes de pétalas e aromas que, em vez da repulsão pelo pôdre, punha nas cabeças azoadas as vertigens dos abysmos. Essa perversa missão da Poesia soffreu o exterminio de todos os flagellos que estão ao alcance desinfectante e hygienico da Sciencia. Pouquissimos e esporadicos são já os poetas no termo genuino de «deturpadores da realidade». Os que ainda rimam deteriorando a verdade experimental com embustes methaphysicos são uns atavismos que fazem lembrar, na sociedade actual, as aberraçoens genesicas que remontam o homem á torpeza selvagem da Australia e á civilisação refinada da Roma de Juvenal, e da Grecia de Anacreonte. Essa chaga insanavel da besta humana esvurmará sempre a sua peçonha já em brochuras, já nas partes da policia por ultrages á veneranda Moral — uma velhinha tão trôpega que, assim que lhe embarram, cáe no asphalto, e entra a gritar pelo habil

Antunes e por outros habeis que não ganhariam a sua vida officialmente gloriosa, se a Moral fosse mais acatada e menos atacada. O leitor, se é uma especie de habil Antunes da vernaculidade, seja indulgente com este jogo de vocabulos que tambem é um ataque desmoralisado á lingua.

Quanto ao poeta scientifico, genial, racionalista, concluida que seja a sua obra de sapa e a ultima batalha dada aos deuses, esse tem de desapparecer como inutil, e ridiculo como um archaismo. Ainda hontem, na França, Eugène Véron, no seu livro de ESTHETICA, escreveu que *tout le monde, sauf les idiots, est poète.* A condicional *sauf,* poderia excluir muitos poetas nossos conhecidos; mas Véron inverteu paralogicamente a excepção em regra. Elle, se fosse um digno interprete da Sciencia implacavel, deveria ter escripto: *Ninguem é poeta, excepto os idiotas.*

FIM.